



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

“AS VOZES QUE NÃO OUVIMOS”: POR UMA PRÁTICA JORNALÍSTICA ANTIRRACISTA E PRÓ-IGUALDADE DE GÊNERO

Débora Lapa Gadret¹; dgadret@unisinós.br
Luciana Kraemer²; lucianakr@unisinós.br
Cybeli Almeida Moraes³; cybelim@unisinós.br
Marcelo Garcia⁴; marcelog@unisinós.br
Bruna Lago⁵; blago@edu.unisinós.br
Lisandra Steffen⁶ lisandrass@edu.unisinós.br

RESUMO

Este artigo apresenta o projeto de caráter extensionista *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero*, desenvolvido na Agência Experimental de Comunicação (Agexcom) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Por meio de diferentes ações e intervenções no processo de produção jornalística para o portal *Mescla*, estudantes, profissionais e professoras de Jornalismo buscam pensar processos de elaboração de reportagens e notícias que ultrapassem a abordagem dessas temáticas e passem a incluir a diversidade e a pluralidade social nas vozes acionadas no discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Racismo. Gênero. Extensão. Portal de notícias.

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinós). E-mail: dgadret@unisinós.br.

² Doutora em Informática da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora dos cursos de Jornalismo e Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinós). E-mail: lucianakr@unisinós.br

³ Doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinós). Professora da Escola da Indústria Criativa da Unisinós. Coordenadora da Agência Experimental de Comunicação (AGEXCOM). E-mail: cybelim@unisinós.br.

⁴ Graduado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinós). Especialista em Design Gráfico pela Unisinós. Diagramador e jornalista na Agência Experimental de Comunicação (Agexcom) da Unisinós. E-mail: marcelog@unisinós.br.

⁵ Estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinós). Estagiária na Agência Experimental de Comunicação (Agexcom) da Unisinós de 2019 a 2021. Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Unisinós. E-mail: blago@edu.unisinós.br.

⁶ Estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinós). Estagiária na Agência Experimental de Comunicação (Agexcom) da Unisinós no período de junho de 2019 a abril de 2021. E-mail: lisandrass@edu.unisinós.br



1. INTRODUÇÃO

Era final de maio de 2020 quando, em uma reunião de pauta, estagiários de jornalismo da Agência Experimental de Comunicação (Agexcom) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), questionaram como fariam a cobertura do movimento *Black Lives Matter*, que ganhou repercussão global a partir do assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos⁷. O debate levou a equipe a uma reflexão acerca da posição heteronormativa⁸ que envolve não apenas gênero, como raça e classe, da qual o jornalismo habituou-se a reportar. Surge deste primeiro movimento o projeto *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero*, projeto extensionista vinculado ao portal *Mescla*.

Criado em 2017 pela Agexcom⁹, o portal *Mescla* (www.mescla.cc) é um canal jornalístico dedicado a conteúdos que são de interesse da comunidade acadêmica ligada aos 12 cursos que formam a Escola da

⁷ *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) é um movimento ativista internacional, com origem na comunidade afro-americana no ano de 2013 a partir do uso da hashtag #BlackLivesMatter em mídias sociais, após a absolvição de George Zimmerman na morte a tiros do adolescente afro-americano Trayvon Martin. O BLM foi criado por três mulheres negras - Alicia Garza, diretora da National Domestic Workers Alliance; Patrisse Cullors, diretora da Coalition to End Sheriff Violence in Los Angeles; e Opal Tometi, ativista pelos direitos dos imigrantes - e organiza regularmente protestos em torno de episódios de racismo estrutural, violência policial e desigualdades raciais e sociais, abarcando todas as vidas negras, incluindo mulheres, comunidade LGBTQIA+ e pessoas incapacitadas. Em 2020, com o assassinato de George Floyd que levou milhares de pessoas às ruas em plena pandemia da Covid-19, o movimento ecoou também no Brasil, em função do homicídio de João Alberto Silveira Freitas por seguranças de um supermercado em Porto Alegre. Em janeiro de 2021 o BLM foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz.

⁸ Compreendemos aqui a heteronormatividade como a conformação ocidental a um padrão que inclui marcadores sociais de gênero, classe, sexualidade e religião hegemônicos. A partir de estudos *queer* e de gênero, compreende-se a heteronormatividade como uma “hierarquia social excludente que pode ser compreendida por meio da imagem de uma pirâmide de distribuição de poder, cujo topo é constituído pelo masculino hegemônico” (VEIGA, 2014), vinculado aos sujeitos brancos, de classe média, heterossexuais e judaico-cristãos.

⁹ A Agexcom completou 19 anos de vida em 2021 e desenvolve soluções de comunicação para a própria Universidade - incluindo cursos, unidades de apoio, setores e parceiros da Unisinos - e também para projetos sociais, ONGs, e empresas incubadas no Parque Tecnológico Tecnosinos. Entre os principais trabalhos da agência estão campanhas integradas de comunicação, criação de identidades visuais, planejamento de divulgação, produção de materiais em áudio e vídeo, criação de sites, desenvolvimento e aplicação de pesquisas de opinião/satisfação, além de trabalhos de cunho jornalístico, como redação de releases, matérias, produção de podcasts e diagramação de publicações impressas e digitais. Atualmente, a Agexcom é formada por 15 estagiários, oito professores e quatro profissionais graduados.



Indústria Criativa (EIC) da Unisinos¹⁰. No site, são publicados regularmente reportagens, notícias, entrevistas, vídeos, podcasts e materiais em outros formatos sobre assuntos variados, enquadrados em três âncoras principais: produtos desenvolvidos em sala de aula e aplicados na prática a um público interno ou externo (comunidades regionais); mercado de trabalho e eventos culturais, de inovação e empreendedorismo; e discussões conceituais no entorno das áreas de conhecimento envolvidas, principalmente se os assuntos em questão estiverem em pauta na sociedade. Os materiais são produzidos por uma equipe formada por estagiárias e estagiários (estudantes), orientadoras e orientadores (docentes) e supervisoras e supervisores técnicos (com graduação), que organizam o fluxo de produção em etapas comuns às redações jornalísticas profissionais: reunião de pauta, construção de pauta, apuração, redação e roteirização de conteúdos, revisão, edição e publicação no portal e nas redes sociais digitais.

O projeto *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero* busca desenvolver ações de transformação no fazer jornalístico com o objetivo de produzir conteúdos comprometidos com práticas antirracistas e com a promoção da igualdade de gênero. O desafio está em desnaturalizar processos e olhares alicerçados em uma estrutura social heteronormativa e, efetivamente, engajar-se naquilo que o próprio código de ética profissional preconiza, mesmo que de forma ampla, sobre o dever de “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias” (FENAJ, 2007, n.p).

¹⁰ Inclui os cursos Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Humanidades e Tecnologias, Comunicação Digital, Design, Design de Produto, Fotografia, Jornalismo, Letras, Moda, Produção Fonográfica, Publicidade e Propaganda, Realização Audiovisual e Relações Públicas.



Na intersecção entre pesquisa, ensino e extensão, espera-se com este projeto contribuir para práticas que impactem na formação das e dos estudantes. Objetiva-se, neste sentido, apontar possibilidades para uma maior constância da problematização do fazer jornalístico por quem está no exercício profissional, como as alunas e os alunos que logo se tornarão jornalistas com diploma. Estimular que façam perguntas em busca do entendimento das ações que desencadeiam os cenários que se quer transformar é, segundo Paulo Freire (1983), uma das formas de promover uma educação que emancipe os sujeitos, tornando-os protagonistas do percurso de seu próprio aprendizado.

Esta pedagogia dialógica também está presente nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo* (BRASIL, 2013). O documento é considerado um marco para pensar a função social das faculdades neste campo, e foi produzido a partir de uma ampla discussão, tendo como um dos moduladores a histórica divisão entre o ensino teórico e o prático do jornalismo nos cursos de comunicação, com prejuízos para o entendimento dos alunos sobre as especificidades do campo profissional (MEDITSCH, 2012). Consta nas *Diretrizes*, a proposta que os planos pedagógicos projetem o exercício de análise crítica da mídia de forma responsável e comprometida com o aperfeiçoamento profissional. Importa lembrar ainda que o jornalismo pertence ao campo das Ciências Sociais Aplicadas, e, conseqüentemente, tem o compromisso de compreender as relações sociais circulantes, com vistas a identificar conflitos, necessidades e possibilidades de transformação para o desenvolvimento integral dos seres.

As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero sustenta-se em dois eixos. O primeiro se relaciona ao papel do jornalismo não apenas na apresentação da pluralidade da sociedade, mas também na mobilização dos sujeitos em torno de causas cidadãs (REGINATO, 2019), entre elas o antirracismo e a



igualdade de gênero. O segundo diz respeito ao seu caráter institucional, relacionado não apenas às novas *Diretrizes* do MEC, mas também ao projeto de *universidade em extensão*, estabelecido no *Plano de Desenvolvimento Institucional* (PDI) da Unisinos, que busca, entre outros objetivos, a “promoção da extensão como instrumento e espaço de reflexão crítica da realidade social que contribua como retroalimentação para o ser, o pensar e o fazer acadêmico da Universidade” (UNISINOS, 2019, p. 60).

Em seguida, apresentaremos esses eixos, para então explicar as principais ações e resultados do projeto, realizados até agora.

2. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNISINOS

A Agexcom, como um dos espaços de atuação de estudantes do curso de Jornalismo dentro universidade por meio do portal *Mescla*, preocupa-se em construir iniciativas de caráter extensionista alinhadas a formação integral dos sujeitos, que possam aproximar alunas e alunos de contextos diversos dos seus, através de projetos que promovam a mudança social. Essas ações não apenas buscam atender as *Diretrizes para Extensão na Educação Superior Brasileira* (BRASIL, 2018), mas também se coadunam aos valores de equidade e diversidade expressos no Plano de Desenvolvimento Institucional (UNISINOS, 2019).

Entre os objetivos permanentes da universidade, estão a extensão e integração comunitária, que busca “promover a prática criativa (...) por meio de educação continuada, difusão cultural e desenvolvimento social e comunitário”, valorizando a “difusão e debate de políticas públicas e questões que envolvem a vida em sociedade, os rumos da humanidade e o futuro do planeta”. (UNISINOS, 2019, p. 21-27). Desejando ser uma *universidade em extensão*, a Unisinos projeta-se atualmente para além dos limites da sua comunidade acadêmica, compreendendo que sua qualidade decorre também da ação direta junto à sociedade e ao desenvolvimento regional. Daí incentiva a promoção de



(...) ações inovadoras e afirmativas na busca do reconhecimento profundo da dignidade de todos os seres humanos, acima de raízes étnico-raciais, de crenças religiosas, das diferentes gerações, gênero, visões de mundo e opções, buscando sempre formas de estabelecer o diálogo, o valor da pluralidade e a dinâmica da reconciliação (...). (*idem*, p. 38)

O fortalecimento do conceito de *universidade em extensão* prevê “o desenvolvimento de projetos, produtos e serviços, de natureza social, formativa, científica e cultural”, incorporando a extensão aos currículos dos cursos, fazendo dela um instrumento de reflexão crítica da realidade social (*idem*, p.60). Com a instituição do *Programa de Prática Acadêmica de Extensão Universitária*, a Unisinos pretende, entre diversos objetivos: sensibilizar a comunidade universitária em relação ao seu entorno social e regional; promover a educação das relações étnico-raciais “com ênfase na inclusão cidadã do sujeito afrodescendente e indígena” (*idem, ibidem*); e desenvolver atividades e projetos culturais como oportunidades de inclusão social, abertos à comunidade externa – como atua o portal *Mescla*.

Obviamente, tal desafio exige um perfil de professor orientador capaz de relacionar o ensino, a pesquisa e a extensão. E para além disso, que: 1) articule teoria e prática; 2) problematize a construção do conhecimento a partir de sua localização social e histórica; 3) identifique e auxilie a resolução de problemas emergentes da relação universidade-sociedade; 4) explore a interconexão de conhecimentos não disciplinares e também inter e transdisciplinares; e 5) cuide da ética e da valorização da diversidade cultural para “desenvolver competências interculturais indispensáveis na formação de uma sociedade mais justa e igualitária” (UNISINOS, 2019, p. 45).

Neste sentido, e pensando na formação acadêmica de futuros profissionais jornalistas, a equipe do portal *Mescla* assumiu em conjunto, o compromisso com uma reflexão sobre as práticas jornalísticas – em um movimento teórico e empírico – que pudesse promover um exercício de



produção jornalística a partir de vozes plurais, questionando os padrões hegemônicos.

3. AS VOZES NO JORNALISMO

A visão positivista, que prega a prática de um jornalismo imparcial, dominou a profissão por boa parte do século XX e ainda hoje vigora como crença compartilhada por parte dos sujeitos sociais, inclusive jornalistas. Essa perspectiva é amplamente tensionada pela comunidade acadêmica desde meados do século passado, quando as teorias construtivistas e os estudos etnometodológicos foram incorporados às pesquisas sobre jornalismo. Hoje, o paradigma de um jornalismo para além de rituais estratégicos como garantia de objetividade ganha corpo. O entendimento de que “cabe ao jornalismo mobilizar o público em torno das causas cidadãs, que possam gerar o engajamento da população, e que não estejam subordinadas a interesses privados ou econômicos” (REGINATO, 2019, p. 238) toma forma em novas práticas¹¹ e nos estudos do campo.

Nacionalmente, na última década, percebe-se um movimento de pesquisa que tem se debruçado em estudar, questionar e propor alternativas ao padrão heteronormativo produzido e reproduzido no jornalismo. Cláudia Lago (2014), Marcia Veiga (2014) e Fabiana Moraes (2015) representam algumas dessas pesquisadoras que avançam na perspectiva de um jornalismo - ainda que dentro de uma estrutura branca, heterossexual, de classe média - com o compromisso de incorporar a alteridade, buscando representações mais plurais de raça e gênero.

Lago (2014, p.183) sustenta a possibilidade de alteridade no jornalismo a partir de uma abordagem antropológica, como forma de “descentrar o olhar constituído, torná-lo permeável a pontos de vista,

¹¹ Diversos veículos nativos-digitais independentes têm praticado o que alguns chamam de jornalismo ativista, o que significa dizer um jornalismo abertamente comprometido com pautas antirracistas, feministas, LGBTQIA+ e periféricas. Alguns exemplos são Alma Preta, Portal Catarinas, AzMina, MídiaBixa e ENois.



ângulos, vivências, à possibilidade de ser afetado pelo Outro, em vez de tentar percebê-lo pelas atuais gramáticas normativas que figuram nos manuais e dentro das redações”. Já Moraes (2015) defende a incorporação da subjetividade como parte de um jornalismo que busca ser mais integral, sustentando-se em critérios objetivos, como a necessidade de observar posições geográficas, raciais, grupais de classe e gênero; a obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social; e a procura de fissurar representações previamente dadas.

Veiga (2014), constata que, diante da incidência da subjetividade aliada à cultura profissional e ao plano de valores mais geral da sociedade, o jornalismo revela-se constituído de gênero e este gênero é masculino. Portanto, é preciso construir ativamente práticas que provoquem a descentralização do olhar do jornalista desde sua formação, não mais a partir da lente masculinista, racista, heterossexista e ocidentalista (VEIGA, 2015). Entre essas práticas, propomos no projeto *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero* uma oportunidade de agir por um jornalismo capaz de incorporar sujeitos que representem lugares de fala disruptivos.

Fez parte da caminhada do pensar criticamente a posição do portal *Mescla* em relação a uma prática antirracista, buscar referências conceituais acerca dos estudos relacionados às relações de discriminação racializadas, dentre eles, o de racismo estrutural e o de branquitude. Para o filósofo Silvio de Almeida (2019, p.36), “o racismo é um processo histórico e político que cria condições sociais para que direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”. Este processo se dá a partir de um sistema, de uma estrutura que viabiliza e faz reproduzir ações de desigualdade expressadas de forma política, econômica e jurídica. “Entender que o racismo é estrutura, e não ato isolado de um indivíduo ou de um grupo nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas”. (*idem, ibidem*).



Já o conceito de branquitude, que segundo Silva (2017) emerge no início dos anos 2000 no país, pode ser considerado como uma ferramenta de análise a mais para pensar sobre o papel da subjetividade branca como elemento de afirmação e manutenção do poder nos espaços em que a discriminação não é evidente. Para a autora,

(...) a branquitude é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir do seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são fruto de uma desigual distribuição de poder político, econômico e social, de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo quem que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência do seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens ou privilégios. (SILVA, 2017, p.25).

Entendemos que esta linha interpretativa se faz importante para permanecermos vigilantes sobre nossos privilégios e, por fim, assumir a postura de que o racismo é uma problemática branca. É relevante destacar que a região do Vale dos Sinos - no qual está situado um dos *campi* da Unisinos - tem uma forte identidade branca, sendo associado com frequência à imigração alemã, quando na verdade a presença indígena e negra antecede essa narrativa.

Situado, com equivalente protagonismo no projeto *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero*, está a discussão sobre gênero não apenas pela lente dos estudos feministas, mas das compreensões de suas interseccionalidades e atualizações, expressas em movimentos decoloniais e na teoria *queer*. Entendemos, inicialmente, o caráter performático da noção de gênero, proposta por Judith Butler (2019, p. 299):

Independente do patriarcado sempre presente e da permanência da diferença sexual como uma operante distinção cultural, não existe nada no sistema binário de gênero que esteja dado. Como um campo corporal de interação cultural, o gênero é uma relação sempre inovadora, apesar de ser claro que contestações ao roteiro por meio de performances inesperadas ou improvisações não justificadas são severamente punidas.



A partir desta compreensão de gênero não como algo que nós somos, mas como algo que fazemos constantemente, em determinada inscrição social temporal, refletimos sobre esta construção como forma de avançar diante da relação ausência/presença de vozes nos conteúdos produzidos para o portal *Mescla*.

As universidades, como instituições de formação ética e técnica dos sujeitos, são organizações com grande responsabilidade não apenas para identificar os conflitos de poder, como também, para buscar e adotar mecanismos que desnaturalizem e enfrentem práticas diretas e indiretas de apagamento racial e de construção de desigualdades, entre elas, de gênero. O mesmo se pode dizer da imprensa e do jornalismo. “Sem nada a fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas”. (ALMEIDA, 2019, p.34).

4. PRIMEIRO ATO: FORMAÇÃO E ANÁLISE

O projeto *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero* busca estratégias para aprimorar a representatividade em seus conteúdos não apenas a partir dos enquadramentos de suas pautas, mas, principalmente, a partir da pluralidade de vozes presentes nestes conteúdos. Para isso, e como forma de iniciarmos uma aproximação com o tema, convidamos o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (Neabi), da Unisinos, para uma conversa aberta sobre branquitude e negritude. O evento reuniu alunas e alunos de diferentes cursos da Escola da Indústria Criativa, em agosto de 2020.

A partir deste encontro e de debates sobre gênero desenvolvidas no âmbito da graduação e da pós-graduação da Unisinos, desenvolvemos inicialmente um levantamento de raça e gênero das produções do portal



Mescla, de forma retroativa. Nos próximos parágrafos, explicamos como este estudo foi realizado.

O portal *Mescla* apresenta diversas editorias¹², sendo três consideradas as principais (em volume de produções): *Deu Certo*, *Especial* e *Por Dentro*. *Especial*, como o nome já diz, trata-se de um espaço nobre reservado para discussões aprofundadas sobre assuntos nem sempre diretamente conectados com a pauta factual, mas que refletem preocupações formadoras para os cursos da EIC da Unisinos. Já *Por Dentro* traz assuntos ligados ao momento, destacando a participação de membros da universidade no breve debate de um tema. *Deu Certo*, por sua vez, apresenta negócios, projetos e trajetórias de alunos e egressos que se destacam profissionalmente em suas áreas.

O movimento exploratório inicial listou as matérias publicadas no *Mescla*, entre 2019 e 2020, que se encontravam em alguma das três editorias, descartando textos cujas fontes não estivessem claramente identificadas ou que não resultaram de entrevistas diretas aos repórteres - por exemplo, em coberturas de eventos. No total, 230 matérias foram contabilizadas, sendo 114 realizadas em 2019, e 116 em 2020.

Com esta seleção em mente e em processo de amadurecimento sobre as perspectivas de raça e gênero e suas implicações, foram criadas categorias¹³ de classificação como: *homem branco*, *homem negro*, *mulher branca*, *mulher negra*, *outros* (quando o entrevistado não se encaixava em nenhuma das categorias) e *não-declarado*. Nesta última, foram

¹² As demais editorias não citadas aqui são *Acelera*, que trata de inovação, tecnologia e empreendedorismo; *Referências*, criada para abordar entrevistas com pesquisadores e profissionais de grande referência para as áreas de conhecimento da EIC da Unisinos; *Acontece*, que traz notícias breves sobre eventos, palestras, aulas abertas, e etc.; e *MesclaCast* e *MesclaTV*, que são extensões do portal nos canais do Spotify e do YouTube.

¹³ Vale lembrar que o levantamento foi realizado em matérias já publicadas, sem que se tenha feito, à época, nenhum questionamento prévio sobre como as fontes preferiam se autodeclarar. Isto tornou mais difícil o processo de classificação. Este primeiro levantamento exploratório foi realizado através da percepção de quem o construiu, uma vez que ocorreu cerca de dois anos após a publicação de algumas matérias. Como consequência, os números finais do trabalho, ainda que importantes para a constatação de indicadores acerca do tema, precisam ser compreendidos com esta limitação.



classificados homens e mulheres – usando categorias diferentes para os gêneros – cuja cor da pele não foi possível identificar. Compreendemos que essa classificação *a posteriori* é problemática, pois a fazemos a partir dos nossos lugares e concepções pré-concebidas. Porém, o levantamento foi um passo fundamental para um panorama do trabalho realizado e para o enfrentamento do compromisso que assumimos, a saber, promover o antirracismo e a igualdade de gênero na cobertura jornalística do portal *Mescla*.



Foram contabilizadas 655 fontes nas três editorias referidas nos anos de 2019 e 2020, em matérias publicadas no portal *Mescla*. Em 2019, 319 pessoas concederam entrevistas para o veículo, sendo 29 no primeiro semestre, e 284 no segundo. Já em 2020, foram 336 entrevistados: o primeiro semestre somou 66 fontes¹⁴ e, no segundo semestre, 270 pessoas foram ouvidas. Desde já cabe uma ressalva: muitos dos entrevistados são

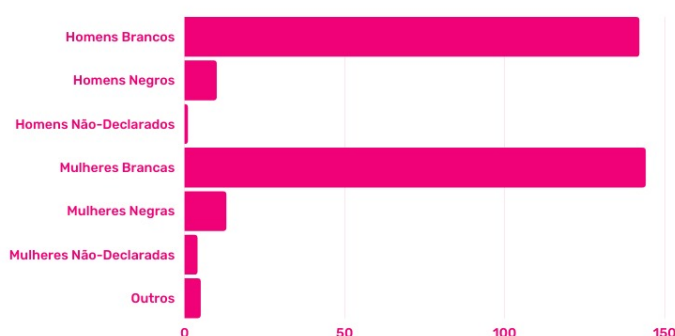
¹⁴ Devido ao início da orientação de isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus, a Agexcom e o *Mescla* paralisaram seus trabalhos entre abril e maio de 2020, visando a organização do trabalho remoto, modalidade na qual permanecemos até a finalização deste artigo. Também cabe mencionar que o primeiro semestre universitário geralmente ocorre a partir do começo do mês de março, e é precedido por férias docentes e discentes entre janeiro e fevereiro.



professores e alunos dos *campi* São Leopoldo e Porto Alegre da Unisinos. Logo, este número inclui fontes que se repetem (são recorrentes) e que foram classificadas a cada aparição nos textos.

No início de 2019, apesar do número reduzido de matérias publicadas no portal (devido a reestruturação do Mescla), quatro mulheres negras foram ouvidas em duas matérias diferentes. Os textos divulgavam o trabalho dessas pessoas. Entretanto, nenhum homem negro foi entrevistado. Por outro lado, também neste período, 10 homens brancos e 13 mulheres brancas participaram das matérias. Uma pessoa entrou na classificação de não-declarado e outra fonte não foi identificada. No segundo semestre de 2019, o número de entrevistados aumentou, assim como a quantidade de matérias publicadas. Foram 10 homens negros, nove mulheres negras e oito pessoas nas categorias não-declaradas e outros, totalizando 132 homens brancos e 131 mulheres brancas. Ou seja, em 2019, mais de 90% das fontes ouvidas pelo *Mescla* foram brancas.

Levantamento de gênero e raça em 2019



90% das fontes são brancas

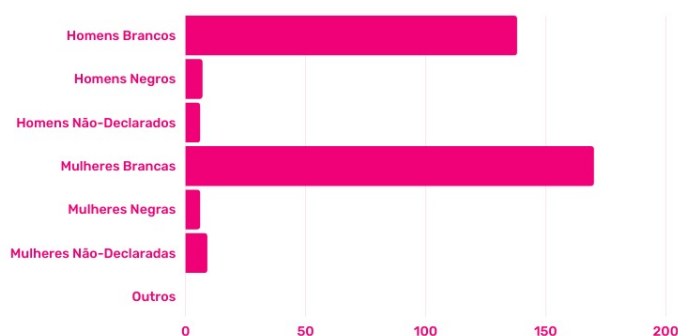


Em 2020, o quadro não foi muito diferente. No primeiro semestre, as fontes foram compostas por 20 homens brancos, 40 mulheres brancas e



somente uma mulher negra. Cinco pessoas ficaram na categoria não-declarado, pela impossibilidade de identificação. No segundo semestre, participaram das matérias 118 homens brancos, sete homens negros, 130 mulheres brancas, cinco mulheres negras, e 10 pessoas na categoria não-declarado. Este número talvez se deva ao fato de que a maioria das fontes do especial *Literatura e Liberdade*¹⁵ foram classificadas nesta última categoria. Por se tratar de apenados, não era possível a utilização dos nomes ou de fotos dos entrevistados; logo, era impossível fazer um apontamento posterior da cor da pele de cada um. No segundo ano do levantamento, observou-se uma quantidade maior de mulheres. Entretanto, mesmo com o movimento da redação do portal para trabalhar a inclusão de pessoas não-brancas a partir de meados de 2020, as fontes brancas ultrapassaram os 95%.

Levantamento de gênero e raça em 2020



95% das fontes são brancas



O *Mescla* somou, nos dois anos pesquisados, apenas 36 fontes declaradas negras e outras 25 não-declaradas ou classificadas na categoria

¹⁵ Disponível em: < <http://mescla.cc/2020/06/05/literatura-e-liberdade/>>. Acesso em: 10 jul. 2021.



outras. Entretanto, as mulheres são maioria. Foram 346 no total, sendo 314 brancas. E, de todos os entrevistados, apenas uma pessoa trans foi contatada pelo *Mescla*. A partir desse movimento inicial, o levantamento de raça e gênero gerou duas ações: uma reportagem especial sobre os dados encontrados¹⁶ e uma live com as repórteres Bruna Lago e Lisandra Steffen no perfil do Instagram do portal *Mescla*, convidando a comunidade acadêmica a refletir e participar do debate.

Ainda que o *Mescla* tenha se preocupado, no decorrer do tempo, em trazer fontes não-brancas para as produções, essa não é uma ação natural - o que se reflete nos resultados finais deste levantamento: apenas 15,65% dos entrevistados são negros. Mesmo no ano em que mais foram realizados conteúdos com a temática racial, ainda não alcançamos um número expressivo de fontes negras no portal. Além disso, pensar fora de um contexto cisgênero também parece algo difícil de se alcançar.

Apesar de o portal *Mescla* estar inserido em uma universidade privada - que não tem ingressos permeados por ações afirmativas - e que, infelizmente, ainda tem poucos docentes e discentes negros, é preciso refletir também sobre a falta de um compromisso ou entendimento por parte dos repórteres, de fazer uma busca mais ativa por maior diversidade de fontes. A diversidade é uma palavra presente no *Mescla*, mas é necessário um trabalho conjunto e contínuo para que ela seja posta em prática.

5. PRÓXIMOS ATOS: QUESTIONÁRIO E BANCO DE FONTES

A formação inicial, o levantamento e os produtos jornalísticos decorrentes deste provocam uma desnaturalização das questões de raça e gênero e encaminham duas novas ações. A primeira, diz respeito a um

¹⁶ Disponível em: <http://mescla.cc/2021/03/12/as-vozes-que-nao-ouvimos-mescla-realiza-levantamento-de-raça-e-genero/>. Acesso em: 10 jul. 2021.



banco de dados, com fontes que representem diversidade, dentro da linha editorial do portal, que se encontra em fase inicial de elaboração, mas que será atualizado de forma permanente.

A segunda, é a inclusão de um breve questionário, a ser respondido pelas fontes entrevistadas para o portal e já está em fase de execução. Esse trabalho foi elaborado pelas alunas e alunos¹⁷ e aprovado pela equipe do *Mescla*. O questionário possui onze campos a serem preenchidos, incluindo dois campos de identificação do entrevistado (nome e idade) e dois campos de identificação sobre entrevista concedida (repórter e tema). Estes pretendem auxiliar na análise de fontes, buscando compreender se elas são contatadas para falar sobre seus campos de especialidade e temas que vão além de questões de gênero e negritude.

Há seis campos específicos sobre gênero, raça e orientação sexual, dois para cada tópico, sendo um de múltipla escolha e um com resposta livre. Por fim, há um campo aberto que convida o entrevistado a comentar o questionário, para que possamos aprimorar o formulário em um próximo momento. A ideia é tabular e analisar os resultados semestralmente, para que possamos questionar e aprimorar as práticas jornalísticas e o compromisso editorial com multiplicidade de vozes de forma permanente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dos resultados e ações aqui referidas, que permanecem em desdobramento, cabe mencionar que o projeto *As Vozes que não ouvimos: compromisso editorial com o antirracismo e a igualdade de gênero*, que partiu da iniciativa de alunas e alunos de jornalismo e foi

¹⁷ Os estagiários envolvidos na elaboração do questionário foram: Bruna Lago, Lisandra Steffen e Tynan Barcelos.



abraçado por docentes e supervisores técnicos da Agexcom, obviamente encontra-se em fase inicial de consolidação – momento no qual outras dimensões e equipes da agência também vem sendo mobilizadas.

O projeto vem inspirando, por exemplo, a reescrita dos textos institucionais de missão, visão e valores da Agexcom, redigidos há cerca de 15 anos, com a intenção de incluir as preocupações levantadas pelas descobertas quantitativas a partir do portal *Mescla*. Este processo está sendo realizado por estudantes de relações públicas, com a escuta de todos os colaboradores da agência.

Na esteira do projeto aqui apresentado, também está sendo gestada uma proposta – desta vez, por estudantes que trabalham com as produções audiovisuais da Agexcom – visando desenvolver uma ação afirmativa de criação audiovisual inteiramente realizada por pessoas negras, oportunizando o acesso e o protagonismo a este tipo de produção, cujo contexto também guarda índices alarmantes de racismo estrutural e desigualdade de gênero¹⁸.

Ambos os projetos, provocados a partir de *As Vozes que não ouvimos*, estão em andamento e terão desdobramentos mais concretos no segundo semestre de 2021. Também há a intenção de propor, ao colegiado do curso de Jornalismo, a vinculação ao projeto de extensão nas atividades acadêmicas laboratoriais, como forma ajudar a formar profissionais preocupados com a representatividade e ajudar a trocar as lentes heteronormativas com a qual o jornalismo costuma ver e, portanto, reportar, sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

¹⁸ De acordo com a Ancine, em pesquisa realizada em 2016, 0% dos filmes nacionais foram produzidos por mulheres negras, enquanto 19,07% foram dirigidos por mulheres brancas, num cenário no qual 75,4% dos 142 filmes foram dirigidos por homens brancos. Leia mais em: < <https://bit.ly/2TZRjM5>>. Acesso em: 10 jul. 2021.



BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado**. Resolução n. 1, 27 de setembro de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Resolução n. 7, 18 de dezembro de 2018.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 4 ago. 2007.

LAGO, Cláudia. **Ensinos Antropológicos: a possibilidade de apreensão do "Outro" no Jornalismo**. Brazilian Journalism Research. V. 11, n. 2, 2014.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 15. Florianópolis: Insular, 2019.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS). Reitoria. Resolução n. 29/2019. Aprova o documento **Missão e Perspectivas: 2019-2023 – Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI UNISINOS**. Documento Interno da Instituição.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Série Jornalismo a Rigor. V. 8. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Tese (Doutorado). UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

SILVA, Priscila Elisabete da. O Conceito de Branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: Muller, T. (org.) e Cardoso, L. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.